

UFRRJ

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

DISSERTAÇÃO

Arte, vida e conhecimento: diário a uma jovem leitora

Luciana Rebousas

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**ARTE, VIDA E CONHECIMENTO: DIÁRIO A UMA JOVEM
LEITORA**

LUCIANA REBOUSAS

Sob a Orientação do Professor
Carlos Roberto De Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Dezembro 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R292a Rebousas, Luciana , 1979 Arte, vida e
conhecimento: diário a uma jovem leitora /
Luciana Rebousas. - Nova Iguaçu, Seropédica,
2019.
52 f.

Orientador: Carlos Roberto de Cavalho.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2019.

1. Direitos humanos e literatura. 2. Literatura e
formação . 3. Exotopia. 4. Pequeno Leitor. 5. Primeira
infância. I. Cavalho, Carlos Roberto de , 1950-
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS
E DEMANDAS POPULARES

LUCIANA REBOUSAS CARDOSO DE ALMEIDA

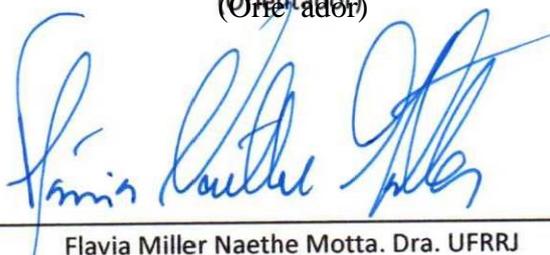
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, ano Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 12/12/2019.

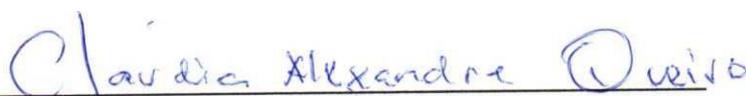


Carlos Roberto de Carvalho. Dr. UFRRJ

(Orientador)



Flavia Miller Naethe Motta. Dra. UFRRJ



Claudia Alexandre Queiroz. Dra. UERJ

DEDICATÓRIA

A Agatha com todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

“A gratidão é a virtude das almas nobres.”

Este diário começou a ser escrito desde a tua descoberta, desde o teu habitar em meu ventre. A escolha por esse gênero textual se deu junto ao meu orientador, no momento em que eu, pesquisadora, no início do curso de mestrado, descobri estar grávida. Era necessário conciliar a situação recém-descoberta – a gravidez, com os estudos da pesquisadora. Foi então que, em conversa com o orientador, a quem chamo carinhosamente de Beto, surgiu a ideia da escrita de um diário para uma menina moça, no qual a mãe mestranda poderia apresentar a você, minha filha, a sua história, a nossa história dentro da literatura até a sua mocidade.

Esse gênero, diário, no período medieval poderia ser conhecido como “Espelho de Príncipe”, escritos de mãe para filho, dedicados à formação de um nobre. Curiosamente, no século IX, uma mulher chamada Dhuoda escreveu a seu filho um manual de formação o chamado *La Educación Cristiana de mi hijo (Manual para mi hijo)*, cuja finalidade era apresentar proposta moral, ética e religiosa a seu predecessor. Mas, enquanto mãe, percebo que essa proposta foi e está muito além de uma formação de caráter ou comportamento ético, incide do amor pela maternidade, como um ato responsável de construir bases ou guias de conhecimentos sobre a sociedade afim de ofertar a um indivíduo uma reflexão sobre a vida. Então notei uma semelhança no que estou vivendo.

O Manual de Dhuoda, um gênero literário composto não somente por pedagogias morais, políticas ou religiosas, mas também do olhar maternal, permitiu apresentar uma proposta além da formação ética e social para os jovens, nobres cristãos da Idade Média, um manual de conduta que veio do desejo de uma mulher da aristocracia preocupada com a formação de seu próprio filho, não relegando apenas aos tutores desse filho, mas ela mesma atuando como pedagoga.

E da mesma forma como se fazia aos nobres daquele período, tentei registrar a nossa formação, acadêmica, literária, religiosa, nossa vida, nosso cotidiano, a relação com as pessoas, a amizade. As dúvidas que em mim foram surgindo no acompanhamento da gestação transformaram minha pesquisa em um diário, um diário de pesquisas através de leituras, leituras que chegaram antes de você, junto com você e para você. A tua chegada completou um círculo de amor.

COMENIUS, em A escola da infância, compara as dádivas divinas, os filhos, ao ouro e a prata; na quinta dádiva, as crianças por vontade divina, estão tão entrelaçadas aos bens da família que não há ninguém que possa lhes tirar esse patrimônio. É um direito divino que não pode ser transferido.

O ouro, prata e as joias certamente não nos instruem mais que as outras coisas sobre a sabedoria, o poder e a bondade divinos. Já as crianças são como espelhos, que nos refletem humildade, cortesia, bondade, harmonia e outras virtudes cristãs. (2011, p. 6)

Para o filósofo grego Aristóteles (2014), a virtude se divide em duas partes: virtude intelectual e virtude moral. A primeira é aquela que nasce e se estende juntamente com a aprendizagem e educação. A segunda, não nasce conosco, por natureza, é uma consequência do hábito. É o resultado do que praticamos que nos torna capazes de praticar atos justos.

Ambas as virtudes puderam ser ouvidas ainda no ventre, todavia, logo começou a percebê-las após o teu nascimento, com os exemplos que sempre te cercaram.

Generosidade foi a primeira das virtudes que te passei. E desde então, te ensino esse sentimento que gera gratidão, amor, respeito, exercendo-o por todos os dias. Gratidão é, talvez, o sentimento mais nobre do seu humano. Faz com que reconheçamos os valores das pequenas coisas.

Para Aristóteles (2014), a prática de atos nobres ou vis depende de nós, ou seja, sermos virtuosos ou viciosos é um ato de escolha: “ (...) O homem é um princípio motor e pai de suas ações como o é de seus filhos”.

Muito sabiamente, diz Exupéry em O Pequeno Príncipe (2015), “ Mas os olhos são cegos. É preciso buscar com o coração”. E completo com o mesmo sábio, “O essencial é invisível aos olhos”. Só conseguimos enxergar, dar valor as pequenas coisas, quando somos gratos, quando enxergamos com o coração.

Gratidão a Deus pela tua vida; gratidão ao médico e a sua equipe que te trouxe ao mundo; gratidão às enfermeiras que cuidaram de você no hospital. Às mães que lá estavam e nos deram as mãos para que chorássemos juntas; aos amigos que foram te visitar, mas não puderam vê-la.

E por falar em gratidão, não posso esquecer de agradecer a uma pessoa que não desistiu de mim, de nós, e nos acolheu, mesmo diante de muitas críticas e dúvidas.

Faço das palavras de Dom Quixote as minhas:

Esse meu mestre, por mil sinais, foi visto como um lunático, e também eu não fiquei para trás, pois sou mais pateta que ele, já que o sigo e o sirvo, se é verdadeiro o refrão que diz: 'diga-me com quem andas e te direi quem és' e o outro de 'não com quem nasce, mas com quem passa. (CERVANTES, 2006, p. 75-76)

Aproveito também para agradecer ao Professor Dr. Jonas Alves da Silva Júnior por me inserir no mundo infantil através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e a Professora Elizabeth Orofino Lúcio pelo belo exemplo de como inserir a literatura aos pequenos, professores e amigos, que, estando eu ainda na graduação de Pedagogia, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar (UFRRJ-IM), me dedicaram palavras de incentivo que muito me motivaram; aos professores que compreenderam que na academia existem pesquisadoras-mães e, sem opressão e com muita calma, me acolheram nos momentos em que eu precisei levá-la comigo.

No ano seguinte ao teu nascimento, tomei conhecimento de um grupo de mães que se reuniam para se ajudar mutuamente conseguindo se manter nessa universidade, Coletivo de Pais e Mães da UFRRJ-IM, um grupo que tem por finalidade reivindicar o direito da permanência estudantil para pais e mães nessa universidade. O meu agradecimento a Natasha Barbosa pela iniciativa.

Aos amigos do grupo Teatro da Palavra:

Sinto muito.

Me perdoem.

Amo vocês.

Sou grata a todos pelas leituras e aprendizados que sempre me completaram.

Em especial, a Rosana Pinto Plasa Silva que sempre esteve disponível para o meu trabalho, uma pessoa singular, intelectual, sempre serena e, divertida após seu encontro com Cecília Meireles, uma das grandes escritoras da literatura brasileira que você irá se encantar.

O agradecimento especial estende-se a Rosângela Padilha Thomaz dos Santos, uma pessoa plácida, intelectual, de fala baixa, que me cativou com suas narrativas e com histórias que partilhávamos após às aulas.

E eu jamais deixaria de agradecer aos nossos amigos, Pedro Sena, um poeta espetacular que sai de sua zona de conforto para tecer textos maravilhosos sobre tudo e para todos e, Renato Romualdo, um músico centrado, que ecoa seus escritos com uma entonação única. Queridos!

Volto-me agora para mim mesma, fazendo-me um agradecimento, porque, ainda que diante de tantos obstáculos, não desisti, permanecendo firme em meus propósitos. Acrescento que, dentre todas as histórias já vividas, essa é a mais intensa; nela conheci e ganhei pessoas lindas que hoje compõem minha vida e que sempre acrescentam vozes ao meu pensamento.

Obrigada a você, Agatha, por permitir a ciência através das nossas vidas, e nunca se esqueça dos ensinamentos de O Pequeno Príncipe (2015), em especial, que a “Gratidão é a virtude das almas nobres”.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

RESUMO

REBOUSAS, Luciana. **Arte, vida e conhecimento: diário a uma jovem leitora**. 2019. 52p Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Nova Iguaçu, RJ, 2019.

Diário a uma jovem leitora tem por objetivo refletir acerca da função da literatura enquanto meio de humanização e socialização de um leitor ouvinte. Este será introduzido no universo literário pela mãe, a leitora, desde o ventre até os seus vinte e quatro meses. Inspirada no pensamento do sociólogo, crítico literário, brasileiro, Antônio Cândido, toma-se para iniciar a pesquisa a seguinte afirmação: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e aberto para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CÂNDIDO, 1989). Considera-se, portanto, como pressuposto neste trabalho, que a literatura pode ser o caminho a ser seguido para contribuir com o crescimento dessa criança. Sendo assim, para promover a discussão sobre o desenvolvimento cognitivo e emocional através dos livros, a Lei nº 13.257/2016, dará para esta pesquisa o amparo legal pois, versa sobre políticas protetivas para crianças e em especial sobre aquelas que tratam da primeira infância. Utilizou-se quarenta livros de história infantil, textos esses narrados ao sujeito de pesquisa, de forma verbal e não verbal. Todo o processo de inserção da criança na literatura se deu por mediação de um adulto, a mãe. Muitos destes livros são clássicos universais e boa parte deles é atual, pois clássicos não são obras velhas, mas eternas, ou melhor, “estão sempre na moda”. Verifica-se nesta pesquisa que as imagens muitas vezes falam mais do que as próprias palavras, e a linguagem utilizada nos textos literários, neste caso, nos textos infantis, permite que as palavras se apropriem de novos significados, de outros sentidos que vão muito além da história contada. Para este trabalho, a literatura é considerada um bem incompreensível (LEBRET, 1972). As experiências vividas fizeram morada nesse texto. A formação, mãe e filha, se deu na mutualidade de existência, na incerteza de um mundo que muda a todo instante, imprevisível, novo, ambíguo. “Os primeiros livros sem páginas se escrevem na pele (...) (REYES, 2010). Essa pesquisa encontrou resultados significativos acerca da formação social de um bebê: observou-se o interesse do sujeito em questão, seu desenvolvimento e interação através da escuta e da visualidade; sua percepção aflorou a cada história e, mesmo antes de nascer, constatou-se que já demonstrava receptividade a cada história ouvida, a cada narração apresentada, e, além disso, o comportamento físico e sentimental da criança durante as histórias. E, após, também na participação durante a escolha de algumas obras. Toda essa experiência vivenciada com o bebê, no decorrer da pesquisa, corrobora, portanto, com o pensamento inicial, de Antônio Cândido, que ensina “(...) A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade (...)”.

Palavras-chaves: Direitos humanos e literatura; Literatura e formação; Exotopia.

ABSTRACT

REBOUSAS, Luciana. **Art, life and knowledge: diary to a young reader**. 2019. 52p Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, Nova Iguaçu, RJ, 2019.

Diary to a young reader aims to reflect on the role of literature as a means of humanization and socialization of a listening reader. This will be introduced into the literary universe by the mother, the ledora, from the womb until her twenty-four months. Inspired by the thought of the Brazilian sociologist, literary critic, Antonio Cândido, the following statement begins to begin the research: "Literature develops in us the share of humanity as it makes us more understanding and open to nature, society, the like." (Candid, 1989). Therefore, it is considered, as an assumption in this paper, that literature may be the way to contribute to the growth of this child. Thus, to promote discussion about cognitive and emotional development through books, Law No. 13.257 / 2016, will give this research the legal support, because it deals with protective policies for children and especially those dealing with early childhood. Forty books of children's history were used, texts narrated to the research subject, verbally and non-verbally. The whole process of insertion of the child in the literature was mediated by an adult, the mother. Many of these books are universal classics, and most of them are current, as classics are not old, but eternal, or rather "always fashionable." It is found in this research that images often speak more than words themselves, and the language used in literary texts, in this case, in children's texts, allows words to appropriate new meanings, other meanings that go far beyond. of the story told. For this work, literature is considered an incomprehensible good (LEBRET, 1972). The lived experiences made a home in this text. Formation, mother and daughter, took place in the mutuality of existence, in the uncertainty of a world that changes at all times, unpredictable, new, ambiguous. "The first books without pages are written on the skin (...) (REYES, 2010). This research found significant results about the social formation of a baby: the interest of the subject in question, its development and interaction through listening and visuality were observed; his perception came to light with each story, and even before he was born, it was found that he was already receptive to each story heard, each narration presented, and, moreover, the child's physical and sentimental behavior during the stories. And after, also in the participation during the choice of some works. All this experience with the baby, during the research, corroborates, therefore, with the initial thought, by Antonio Cândido, who teaches "(...) Literature develops in us the share of humanity (...)".

Keywords: Human rights and literature; Literature and training; Exotopia.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

IM – Instituto Multidisciplinar

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UTI – Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – “A MAIOR RIQUEZA DO HOMEM É A SUA INCOMPLETUDE”	13
CAPÍTULO II – NÃO TENHA MEDO DO NOVO	17
CAPÍTULO III – O DIREITO DO PEQUENO LEITOR	21
CAPÍTULO IV – ENTRE FRALDAS E MAMADEIRAS, O LIVRO	27
CAPÍTULO V - “PRESENTE DAS COISAS PRESENTES, PRESENTE DAS COISAS PASSADAS E PRESENTE DAS COISAS FUTURAS”	34
CAPÍTULO VI – “VOSSOS FILHOS NÃO SÃO VOSSOS FILHOS”	38
CAPÍTULO VII – A LITERATURA NOS ENSINA A CAMINHAR	41
CAPÍTULO VIII – “TODAS AS PESSOAS GRANDES FORAM UM DIA CRIANÇAS, MAS POUCAS SE LEMBRAM DISSO”	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48
REFERÊNCIAS INFANTIS	51

CAPÍTULO I

“A MAIOR RIQUEZA DO HOMEM É A SUA INCOMPLETUDE”

Agatha, quanta felicidade você trouxe para minha vida. Você foi um pouco apressada eu diria, mas depois de te conhecer, digo que foi ao seu tempo.

Quando eu soube que estava grávida, você já me acompanhava nos encontros do grupo de pesquisa do Professor Beto, onde discutíamos as teorias e abordagens várias, e, dentre elas, as ideias de Bakhtin, Goethe, Dostoiévsky. Você já ganhava o privilégio de ouvir a nossa reflexão sobre uma boa literatura para alunos de toda e qualquer série, do ensino fundamental à academia. E na barriga já “compartilhava” dessas ideias por meio de chutes e pontapés.

Essa criatura agachada no ventre que escuta furtivamente as conversações da mãe e, em particular, a música de sua voz, que literalmente lhe chega das entranhas, está imersa desde essa época na experiência da linguagem. As primeiras palavras que ela pronuncia depois de uma longa preparação serão tão somente a parte visível de um processo que se iniciou *in útero* e que, além de ser um fenômeno acústico observável, está entrecruzado de expectativas compartilhadas e de sentidos ocultos e privados. O mundo da interpretação e, além disso, as coordenadas da cultura também parecem colar-se nesse cálido e obscuro resguardo que é a primeira casa do sujeito, essa mesma que o prende ao mundo da linguagem. (REYES, 2010, p.24)

Não demorou muito, quando aos recém-completados sete meses, no dia vinte e sete de março do ano de dois mil e dezessete, resolveu vir ao mundo e escrever sua história. Ouvi muitos questionamentos, hipóteses, indagações e muitas conversas aleatórias advindas da sua prematuridade.

E você nasceu. Nasceu no mundo da linguagem, que é a nossa morada. Só com e através da linguagem percebemos o mundo e entendemos o outro.

Fui povoada por dialogismos que foram fundamentais para o nosso processo enquanto sujeitos, e, a partir de Bakhtin, formulei respostas através da nossa relação de alteridade, lançando minha responsabilidade para com o outro e com você, através do ato responsivo, como uma resposta responsável ao outro.

Dessa forma, destaca Bakhtin,

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe etc.), e

me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão a formação original da representação que terei de mim mesmo. (BAKHTIN, 2010, p.19)

Então, é na relação com o outro que o eu se constitui. É com um olhar do outro, constituído de valores, que encontro o meu eu. Ele tem um excedente de visão em relação ao eu, uma experiência do eu que o próprio eu não tem, mas que, por sua vez, tem o mesmo a respeito do outro.

No breve texto, *Arte e responsabilidade*, Bakhtin refere-se a *mecânico* ao todo quando alguns de seus elementos, suas partes, que unificados somente em um espaço e tempo e reduzidos a uma interação externa, sem contiguidade a uma unidade interna do sentido, e estranhas a si mesmo. Mecânica é a ação de ligação dos três campos da cultura humana, - a ciência, arte e vida, sem a unidade de sentido necessária, no qual o indivíduo deveria corporifica-las em si mesmo.

Apreendo o sentido disso, a partir da maternidade; é do meu ser de mulher que entendo a organicidade da vida, atada intrinsecamente a arte e ciência. Estes três campos da cultura foram incorporados através da consubstanciação da vontade geradora de vida em mim, através de você.

No livro, *O diário de Florença*, o poeta Rilke, faz um elogio a figura da mulher e a maternidade, não como algo românticamente idealizado, mas evidencia uma primazia dessa, cuja tarefa diz respeito somente a um grande artista na hierarquia poética, ao fazer propriamente do poético:

As mães, no entanto, são como os artistas. O artista busca encontrar-se a si mesmo. A mulher realiza-se na criança. E aquilo que o artista luta para arrancar de si mesmo, pedaço por pedaço, a mulher liberta do seu ventre como um mundo pleno de forças e possibilidades (RILKE, 2012, p. 122).

É diante de tal tarefa, a mesma que a do artista, e partindo dela como ato responsável, que compreendo o sentido que dá Bakhtin a posição exotópica; entretanto, passo a compreender a exotopia como algo além do meu olhar sobre do outro, e do outro sobre mim.

Olhar que não tem haver, com o perscrutar de um pesquisador, mas como um olhar de intimidade, que alcança a profundidade, pois antes do teu olhar para mim e do meu olhar para ti, como num ato de fé, você se fazia presente, num movimento incessante ao meu encontro e eu sem saber até você; tão perto, mas tão longe por habitar num dentro tão profundo e desconhecido de mim, que poderia chamar de um situar-se fora.

Ali, nesse fora, tão dentro de mim, você constituiria o seu olhar exterior e eu tão fora, constituiria o meu olhar interior; olhar esse que apenas na mulher, pela maternidade, faz aparecer um processo exotópico único: o olhar pela carne, pelos sentidos de todo o corpo, além da consciência que se projeta como visão daquilo que se dá a meus olhos.

A exotopia pela carne, esse ato propriamente dado pela maternidade, é de tal modo como o recém-nascido, cujos olhos ainda não acostumados a luz e ao mundo a sua volta, enxerga os objetos a apenas 20 a 30 centímetros; o seu modo de conhecer o mundo é pela totalidade de seu corpo, de suas partes, de seus sentidos em uníssono. Não há uma primazia de um dos sentidos no recém-nascido, tudo lhe chega por todos os sentidos, por todo o corpo.

Quando te amamentava, te sentia pelo meu olhar que ia até você, e de igual modo, te sentia toda pela força que você fazia para mamar, por todo o seu corpo próximo ao meu.

Com você compreendi que exotopia constitui um interesse pessoal e apaixonado por essa relação, um situar-se exterior, mas que vê a partir de dentro, da distância necessária, essa medida que é a mesma da espessura de uma das folhas de papel do seu diário, a mesma distância da frente para o verso da folha.

Exotopia abre-se, tal como um ato de conjugação, em intimidade de carne, que me permite entrar em empatia com outro, como diz Bakhtin; de igual modo, a criança só se dá por esse ato de conjugação que atribuímos a minha visão, ao meu excedente de visão, que nada mais seria que um excedente de percepção corporal, que convenientemente chamamos de excedente de visão, dando certa preferência ao sentido único da visão.

E sigo com Geraldí: "(...) Este acontecimento nos mostra a nossa incompletude e constitui o outro como o único lugar possível de uma completude impossível”.

O ser é incompleto por natureza, por isso Bakhtin discorre: “Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim...”

Lembrei-me de Manoel de Barros, um poeta contemporâneo que, em seu poema “ A maior riqueza do homem é sua incompletude”, relata uma sequência de atividades recorrentes em seu cotidiano, e destaca, através de palavras simples e inocentes, que é possível resgatar naqueles “Outros” que me dão a palavra, movimentos simples que podem renovar o mundo.

A maior riqueza do homem é a sua incompletude

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,

que puxa válvulas, que olha o relógio,

que compra pão às 6 da tarde,

que vai lá fora, que aponta lápis,

que vê a uva etc. etc.

Perdoai.

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

O que somos se constituiu mutuamente, a partir do olhar desses “Outros”.

CAPÍTULO II

NÃO TENHA MEDO DO NOVO

Na noite anterior ao seu nascimento, preparei uma linda festa junto com nossos amigos para revelar que uma menina havia habitado meu ventre. Uma noite linda! Você estava quietinha apesar da minha agitação. Eu não sabia que você estava se preparando e, que em algumas poucas horas iria resplandecer. E foi assim. Eu ainda não tinha conseguido me organizar para tantas novidades.

Quando te descobri você já estava com quase quatro meses. E foi tudo tão depressa, universidade, gravidez, tudo tão assustador! Quando o médico disse que eu precisava de repouso absoluto ou você poderia sair a qualquer momento, “ah”, foi uma luta, uma renúncia a quase tudo, por você, sem arrependimentos. Nesse período, quando eu comecei a me interessar pela literatura de bebês, conheci a obra “Nasceu, e agora? ”, da autora francesa Stéphanie Sapin-Lignières, mãe de quatro filhos, que chegou ao Brasil na década de sessenta e instruiu pais a criarem seus rebanhos, felizes e, se tornou referência para casais grávidos. Ajudou-me muito.

Em alguns momentos difíceis, em noites longas as quais deveriam ser apavorantes para uma mãe de primeira viagem, os conselhos da escritora francesa, como a calma e a serenidade, pairavam em meus pensamentos me deixando tranquila para enfrentar tais situações. A febre, a amamentação e toda e qualquer surpresa indesejada vinda de um recém-nascido, eu me sentia capaz de resolver, sem medo. Naquela obra, a autora diz que os pais devem “Confiar que são capazes de criar bem seus filhos! ”, e que devemos evitar os palpites.

Segui à risca!

Imediatamente me lembrei de uma passagem do “Cartas a um jovem poeta”, em que Rilke (2013) aconselha Kappus a se agarrar ao difícil para termos a certeza de que ele não nos abandonará: “O fato de uma coisa ser difícil deve ser um motivo a mais para que seja feita. ” Desde então, interiorizei essas mensagens e acreditei em nós duas.

Então, logo após o teu nascimento, ainda na U.T.I., comecei a te contar histórias na busca de uma resposta de vida, em suas manifestações, respostas que se concretizavam nas agitações que as histórias te causavam.

Foram dez dias de luta naquela sala gelada, silenciosa, onde eu ficava sussurrando-lhe histórias e orações entre uma mamada e outra, entre uma pulsão e outra, dez horas diárias. Mas passava tão rápido. Quão grande era a vontade de retirar você daquele lugar. Te levar para casa, te apresentar a sua casa, o seu quarto, as suas coisas, tudo que eu havia conseguido preparar durante esses poucos meses. Não tinha muito, mas o que tinha fora feito com muito amor, que se multiplicou quando você chegou.

Para muitos, dez dias passam voando, mas para uma mãe que já sofreu a dor da perda, *O Relógio*, poesia para crianças, de Vinicius de Moraes, descreve toda a minha aflição:

O Relógio

Passa, tempo, tic-tac	Muito Cansado
Tic-tac, passa, hora	Já perdi
Chega logo, tic-tac	Toda a alegria
Tic-tac, e vai-te embora	De fazer
Passa, tempo	Meu tic tac
Bem depressa	Dia e noite
Não atrasa	Noite e dia
Não demora	Tic tac
Que já estou	Tic tac
Tic tac...	

Sempre admirei e li as poesias “adultas” de Vinicius para o seu pai e, mesmo antes de conhecê-lo, elas já apareciam em meus papéis de carta à espera do príncipe encantado. Acho que encontrei.

Voltando às poesias infantis, escritas por Vinicius, ele as escreveu para os seus filhos, Suzana e Pedro, mas somente em 1970 o conjunto de poemas foi publicado: “Arca de Noé”, livro que ganhou o mundo e se tornou uma porta de entrada para a literatura.

Além da literatura, as músicas, ou melhor, as poesias cantadas, também fazem parte da herança que esse escritor e compositor nos deixou. E essas poesias te embalavam enquanto nós trocávamos olhares, e assim, aquela, sempre feliz, por ter a oportunidade de alcançar uma dádiva de Deus cantava para você: *“Menininha, que graça é você, Uma coisinha assim, Começando a viver (...). Lembra?*

E, para adentrar-te ainda mais nas poesias de Marcus Vinicius de Moraes, apresento a você uma intertextualidade do “Soneto de Fidelidade”. Neste poema, abordo os sentimentos de amor e fidelidade em um relacionamento, nesse caso, mãe e filha, você e eu.

Quando se poderia imaginar que, mesmo antes de você fazer a primeira leitura de tua vida, a do rosto de sua mãe, ela já desenhava todos os seus traços, na privação de movimentos para manter você.

Eu não te planejei, mas você resolveu me habitar.

E com todo zelo e sempre e tanto, percorri sua caminhada a passos curtos e lentos desde a tua descoberta, já avançada, mas esplendorosa, que me encantou a cada momento, sempre com dias longos, difíceis, porém vencidos, pois de tudo a esse amor eu fui atenta.

E mesmo em face desse maior encanto, com todas as novidades e descobrimentos, eu passava os dias a privar-me do meu tempo para que você pudesse aflorar, para que de mim pudesse encantar ainda mais o teu pensamento.

Foram dias felizes; havia comemoração a cada batalha vencida, a cada exame positivo, a cada batida do seu coração, a cada dia longe da seiva acarminada, pois não se sabia quando acabara aquela jornada.

Eu queria vivê-la em cada vão momento.

E em teu louvor espalhava meu canto, ao som de Beethoven que seduzia você e te fazia bailar no meu ventre, mostrando-se viva,

E assim eu ria teu riso e derramava teu pranto em toda sua manifestação semanal, a cada e qualquer manifestação do teu eu.

Ao teu pensar e teu contentamento.

Alegria e tristeza me tomava.

Até quando mais tarde se revelarias?

Quem sabe se a morte, angústia de quem vive, novamente se apossaria?

Quem saberia se a solidão, fim de quem ama, tomaria mais uma vez o coração que ainda se encontrava desalentado por uma perda repentina?

De novo um ser e o nada? Eu pensava a todo momento!

Eu não poderia suportar mais uma perda.

E o tempo se mostrava presente a cada espaço habitado com todo zelo.

Mas de tudo a você, meu amor, eu fui atenta, e antes que se pudesse imaginar, você resolveu se anunciar.

E hoje, essa progenitora pode dizer-lhe do amor (que teve) enquanto mantinha em seu interior um ser duvidoso, anônimo, mas muito adorado.

Eu não sou imortal, mas sobrevivi a toda saraiva posta em meu caminho, e hoje sou chama viva,

Que será infinita enquanto durar sua vida.

E que durará por muitos, e muitos anos!

Seja bem-vinda, minha princesa!

Você é o novo que acaba de entrar no mundo para viver a sua história.

A nossa história!

CAPÍTULO III

O DIREITO DO PEQUENO LEITOR

Mas o que é um diário?

Do latim *diarium*, a palavra diário, substantivo e adjetivo, o que se realiza todos os dias; cotidiano. Um caderno, geralmente de caráter íntimo. Livro de anotações com experiências pessoais.

Acho que esta escrita se encaixa em todas as definições de um diário, mas diferentemente de “Quarto de Despejo - Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, não irei relatar o cotidiano de uma vida triste e cruel, mas tentarei escrever com um olhar sensível, assim como o da escritora, algumas angústias que vivemos. Nada que se compare à dor e à fome que a autora enfrentou, mas assim como tal, uma escrita testemunhal sobre o cotidiano de duas personagens unidas pela díade mãe-filha, você e eu.

Os primeiros livros sem páginas se escrevem na pele, no ritmo do jogo, nos olhares, na voz... *Aserrín, aserrán*: encontrar-se e afastar-se. Envolvidos em uma dança de palavras e de linguagens não-verbais, mãe e filho se decifram mutuamente. (REYES, 2010, p.41)

E assim como em “Memorial de Aires”, de Machado de Assis, esse diário não tem um enredo único, pois é composto de diferentes histórias, mas que se entrelaçam em um só propósito: a escrita de um diário que se circunda na literatura a fim de registrar o desenvolvimento de um bebê mesmo antes de seu nascimento e, com a presunção de entregá-lo de presente a você, agora essa menina, aos seus quinze anos, idade em que, após uma bela caminhada pela literatura desde ainda no ventre, poderá ter o prazer de ler sobre sua própria história, escrita e vivida junto comigo.

A oferta da literatura a você deu-me oportunidade para refletir que o interesse da criança ou de qualquer outro leitor independe da idade, nasce à medida que esse direito lhe é dado. Dessa forma, para que o leitor possa chegar a ler obras de autores grandiosos, tais como Goethe e Dostoiévsky, assim como tantos outros, é preciso saber ouvir e ler os clássicos universais desde cedo, fabulando e confabulando, a cada dia, cada história, cada momento a ser vivido.

Todorov, alguém que também considerava a literatura como algo extremamente fundamental na construção de um sujeito, como forma de conhecimento do homem, da história, de como ver o mundo, e não simplesmente de um prazer estético, nos interroga com um ensinamento: “Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios?”

O autor em “A literatura em perigo”, nos apresenta oito capítulos, sendo o primeiro um prólogo e nele escreve sobre suas origens e ainda sobre o impacto que as palavras lhe causaram quando ainda era um menino.

O escritor também escreveu sobre a sua trajetória enquanto leitor e crítico literário, declarou seu amor às palavras e revelou o quão importante foi o ensino de literatura na sua vida.

Para ele e para nós, a literatura é um objeto de condição humana que amplia o nosso universo e é a melhor orientação para compreendermos os seres humanos, pois ela tem o poder de agir na sociedade, ela é o testemunho da história.

A partir da minha tomada de consciência sobre o direito e o poder da literatura, escrevo esse diário à medida que as obras vão fazendo parte dos nossos momentos, a partir da descoberta do meu objeto de amor, você, que recebeu o privilégio da leitura tal como Todorov, ou ainda mais, mesmo antes de seu nascimento.

E esse direito precisa ser um direito básico do ser humano, uma primazia, pois tem o poder de nos desenvolver à medida que precisamos para viver em harmonia.

E Cândido (1989), corrobora com Todorov quando discorre: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Seguindo nessa premissa, o Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, O Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257/2016) trouxe importantes avanços na proteção aos direitos das crianças brasileiras de até seis anos de idade, ao estabelecer princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas voltadas a meninos e meninas nessa faixa etária. Trata-se do reconhecimento de que os primeiros mil dias (compreendendo a gestação e os dois primeiros anos de vida)

configuram uma janela de oportunidade única para o desenvolvimento neurológico, cognitivo, psicomotor e emocional das crianças

Que esta Lei 13.257/2016 seja um motivo para entender que esse direito venha a ser garantido a todas as crianças e, desse modo, adentrem no mundo da literatura assim como você.

Nesse caso, por que não apresentar a literatura antes mesmo do mundo, seguindo assim na primeira infância, talvez a etapa mais importante na sua construção enquanto sujeito? Um sonho que foi impossível para mim, mas que não foi para você.

E por falar em sonho impossível, lembrei-me da Pedagogia dos Sonhos Possíveis, de Paulo Freire. Nele, vemos a educação para os direitos humanos como uma educação para os sujeitos, devido à conquista de seus direitos e não pelos direitos que adquirem como doação. A educação é indispensável para a transformação social. Além disso, é importante destacar que o sonho de transformar a realidade injusta que insiste é possível, desde que haja participação frequente das camadas populares.

Compreendendo assim, o livro *Os Direitos do Pequeno Leitor* (2017), uma obra de Patrícia Auerbach e Odilon Moraes, uma adaptação para crianças de “Os direitos inalienáveis do leitor”, de Daniel Pennac, começou a me auxiliar nessa preparação. O texto faz menção a vários clássicos da literatura infantil como “Onde vivem os monstros”, de Maurice Sendak, e “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault”.

“Os Direitos do Pequeno Leitor” destaca-se como uma das obras expostas em sua “biblioteca”, construída a partir do desenvolvimento deste escrito. O livro ilustra lindas imagens que compõem dez pequenas frases ritmadas, abordando os direitos dos pequenos. A primeira ilustração já nos indicou que percorreríamos um longo e belo caminho. E mais, uma chave, em modelo antigo, colonial, nos foi apresentada como permissão para abrir novas portas, novas histórias. No total, seis chaves para grandes pequenos leitores, como você, para começarem as suas carreiras.

Agora, se me permite, usarei estas chaves para abrir esta obra e dizer a você sobre estes direitos e as suas reações ao lê-los, contribuídos pela imaginação fértil da ledora, e.

Todo pequeno leitor tem o direito:

♥ *De ser o herói*

(Mas também, por que não o vilão?), já que o menino que está estampado no livro é um pirata. Pirata - herói?

♥ *De escolher o personagem principal*

(Mas o personagem principal posso ser eu?)

♥ *De decidir quando e como quer ler*

(No banheiro eu leio e tomo banho. Faço duas coisas!)

♥ *De brincar com as palavras*

(Eu quero ler essa palavra e depois a outra da outra página, depois eu volto aqui.)

♥ *De fazer amigos incríveis e levar a turma toda para passear*

(Eu vou dá mamar para “tatá” – tartaruga.)

♥ *De fazer de conta*

(*Eu sou o porco.*)

♥ *De levar a turma pela conversa...*

(Vamos “andar” de barco.)

♥ *e saborear tudo que aprender.*

(Pode comer a chave?)

♥ *De contar histórias, ouvir histórias e inventar tudo outra vez.*

(E ler pela décima vez a mesma história com outros dez personagens diferentes a cada narração.)

♥ *De sonhar sempre.... Com um final feliz.*

(E abraçar a mediadora, a mamãe toda vez que fecha o livro.) Às vezes no meio da história.

O livro “Os Direitos do Pequeno Leitor” é uma leitura livre e sem obrigações. Tudo é permitido na formação de grandes pequenos leitores. São eles, assim como você que escolhem o que e quando vão ler. O livro é um manifesto ao direito de ler, seja como for.

Mas, ainda falando das chaves, me elevo a Carlos Drummond de Andrade, a Procura da poesia:

Não faça versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faça poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro
são indiferentes.
Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.
Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas junto à linha de espuma.

O canto não é a natureza
nem os homens em sociedade.
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.
A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças.

Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância.
Não osciles entre o espelho e a
memória em dissipação.
Que se dissipou, não era poesia.
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

Para tudo na vida precisamos escolher a chave certa, e é essa que abrirá o melhor caminho. A chave do encantamento, da imaginação, aquela que irá desvendar todas as palavras e as colocará em seu melhor contexto. E é nesse momento que a literatura estará exercendo o seu papel.

CAPÍTULO IV

ENTRE FRALDAS E MAMADEIRAS, O LIVRO

Ler para você é uma demonstração de carinho; ajuda a te acalmar e a te manter concentrada. Quem pensa que é perda de tempo ler para a barriga se engana, pois, ao recontar as histórias aos recém-nascidos, percebe que eles reconhecem as histórias que ouviram quando ainda estavam no útero.

Me lembro de quando li o primeiro livro para você: “O Pequeno Príncipe”. Eu lia com modulações da voz, e você participava por meio de chutes e pontapés a cada trecho da história. Depois, reli nos primeiros meses de sua vida, da mesma forma, mas desta vez você fez presença com gestos e expressões faciais bem calmamente. Você escutava com aqueles olhinhos arregalados esperando a próxima página, já tentando se comunicar verbalmente, balbuciando algumas palavras.

Além de ser portadora de história e de nutrição infantil, a carga de matizes e entonações que a voz adulta transporta também oferece à infância um texto para uma escuta cada vez mais sutil e para o ensaio de sua própria voz. Os adultos, esses corpos que cantam e parecem saber tudo sobre as palavras, se constituem no modelo por excelência para a criança que se inicia na língua materna: os tons, os encadeamentos e os novos vocábulos que eles transmitem e que em ocasiões, mais que significados, suscitam múltiplas interpretações, proporcionam um treinamento auditivo que fortalece a consciência metalinguística infantil, ou seja, a capacidade para “pensar” na linguagem. (REYES, 2010, p. 51)

Após um ano da primeira leitura dessa obra, uma nova edição: “O Pequeno Príncipe para crianças pequenas”, uma tradução e adaptação de Geraldo Carneiro e Ana Paula Pedro, com capa almofadada e páginas duras com linda ilustração. Esta obra foi percebida por você que ficava atenta procurando as figuras, parecendo já conhecer o clássico, e como conhecia. E quando a leitura terminava, apresentava seu sorriso como um agradecimento. Foi como se eu tivesse recebendo uma salva de palmas.

Conheci a obra de Yolanda Reyes, “A casa imaginária”, através de outra escritora, Luana Teixeira. Esta, dona de uma voz calma e aveludada, companheira de luta do grupo de pesquisa Teatro da Palavra.

Reyes desenvolveu uma experiência-piloto com bebês, crianças, pais e professores, onde a partir dela passou a pensar sobre a importância dos primeiros anos de vida na formação de novos leitores, e me permitiu aplicar muitas de suas experiências com você.

Mais uma vez, Reyes, porém agora na obra “Ler e brincar, tecer e cantar” nos presenteia com este livro, um maravilhoso instrumento que destaca a importância da leitura desde cedo, e mostra o quanto é prazeroso ler com as crianças pequenas.

O adulto que coloca a vida real em suspensão por um instante e adia as obrigações para compartilhar um bom livro com o filho, ou o aluno, propicia a renovação de um pacto simbólico já experimentado muitas vezes. E a criança, ao mesmo tempo em que escuta histórias cada vez mais complexas, lê nas entrelinhas que a leitura é um ato de encontro que faz valer a pena deixar de lado outras tarefas urgentes da vida cotidiana às quais continua sendo convidada. (REYES, 2012, p.85)

A Casa Imaginária confirmou que o prazer pela leitura nos motiva, provoca, encoraja, anima, atiça, estimula, instiga, vivifica, nos ocasiona um sentimento de plenitude que nos leva a desenvolver os mais belos dos nossos desejos, desde os mais infantis onde queremos ser heróis, passando por outros mais sombrios, onde esses valentes pudessem ser tudo o que quisessem, fazer tudo que pudessem, ou mais, que esses ousados, audaciosos e destemidos estivessem sempre ao nosso lado. Já, na obra, Ler e brincar, tecer e cantar, a autora corrobora a importância do adulto na oferta da leitura para a criança.

E por falar em destemido, eu não posso deixar de te apresentar o meu herói, Dom Quixote de La Mancha, do escritor espanhol Miguel de Cervantes Saavedra. Um nobre espanhol de idade avançada que passa a ter alucinações após ler inúmeros romances de cavalaria. Dom Quixote é um cavaleiro andante que mistura fantasia e realidade, segue suas aventuras e desventuras junto com seu amigo e escudeiro Sancho Pança em busca de provar seu amor à amada. Afinal todo cavaleiro tem uma amada à sua espera.

Dom Quixote de La Mancha é um romance encantador e com muitos ensinamentos, mas deixo para que você leia sozinha, pois é considerada a maior obra da literatura espanhola, volumosa, dividida em duas partes, mais de mil páginas para você viajar, se encantar e descobrir um novo herói.

E para que desperte ainda mais o teu interesse em conhecer essa obra, escrevo-te a frase em que mais me inspiro, uma frase desse herói que caminha entre a loucura e a lucidez: “ Eu sei quem sou, e quem posso ser se eu desejar. ”

A cada dia escrevia novas histórias, nossas histórias e as representamos, muitas vezes, com algumas personagens desenhadas nos dedos, fazendo movimentos suaves enquanto você aplaudia com olhares apertadinhos e sorrisos barulhentos. Eu atuava singelamente, depositando pitadas de amor em cada fala, em cada expressão, demonstrando a você, os traços peculiares de cada dedinho, ativando e estimulando assim suas personagens imaginárias. E a essas personagens se juntavam seus pequeninos dedinhos participantes, como se fossem mini-heróis, que logo, logo se entrelaçavam aos meus e não tão imediatamente eram tomados pelo sono. E, dessa forma, recostávamos na cabeceira e adormecíamos como heróis ou vilões de um conto de fadas. Não sei. A única certeza é que estávamos defessas de um lindo dia.

Sobre os bebês, O Instituto Emília lançou a revista digital Emília, em 2019, comprometida com a democratização do livro e da leitura e com a promoção de uma literatura de qualidade para os pequenos grandes leitores, formando leitores conscientes de seu papel como agentes de intervenção e transformação social. O Instituto, afim de democratizar o direito à leitura, produziu esse conteúdo para que possa ser compartilhado “ A pequena história dos bebês e dos livros:

Desde o primeiro ano de vida, o bebê mergulha com intensidade e vivacidade na linguagem. Todo o ser participa: sua voz, seu corpo, seu olhar. Esta vida intensa tem efeitos contagiosos sobre o entorno do bebê. Em todas as culturas, esse é um momento privilegiado para transmitir-lhes as parlendas, pequenas histórias com gestos, cantigas de ninar. Essas narrativas acompanham as primeiras relações entre a mãe e o bebê e são lembradas durante toda a infância. Na família e fora dela, essas vivências sempre estarão associadas ao cuidado materno. (2019, p. 24)

Mesmo antes de completar seu primeiro ano você já dava sinais de que a literatura lhe fazia bem. Sempre acreditei que esta é um bem incompreensível, e meu pensamento é um só, e permanente, em relação ao bem que a literatura traz a qualquer indivíduo, pois foi assim, seguindo os passos de Antônio Cândido, um professor que foi muito influenciado pelo padre e sociólogo Louis Joseph Lebret, que destaca como “bens incompreensíveis” moradia, alimento, vestuário, instrução, saúde, a liberdade individual,

o amparo da justiça pública, a resistência à opressão, etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura, enquanto que os considerados supérfluos, como objetos de enfeites e cosméticos, são “bens compreensíveis”. Como o que conceber aos humanos advém de como entendemos o que cada um representa, e os que não podem ser negados a ninguém são bens incompreensíveis, eis que a literatura não pode ser segregada, sendo ela um bem incompreensível.

E continua Cândido (1989), discorrendo sobre o direito a literatura:

“[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (p. 117).

Logo, a literatura é essencial para a orientação do indivíduo, seja social e emocionalmente. Não é possível existir uma sociedade igualitária sem a literatura. Um ser humano não pode viver e se desenvolver tão somente para o labor, mas também para um universo lúdico onde tem a possibilidade de experimentar outras histórias e mergulhar no universo das fábulas, dos contos.

A apreciação de livros se dá a partir do momento em que existe a oferta. Desde cedo, apresentei a você estórias¹ e histórias das mais diversas, foram elas contadas e/ou encenadas, fazendo-nos mergulhar em um mundo de imaginação onde somos e conquistamos o que queremos. A leitura de obras como os clássicos universais nos proporciona grandes viagens e, até mesmo, nos deixa seguir e enxergar, através deles, uma nova leitura da vida, do mundo.

O livro “Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo” parte de premissas evidentes, mas nem sempre compreendidas: ler não é obrigação, é direito; clássico não é o que é velho, mas o que é eterno sem sair de moda; forçar a ler é inocular o horror a livro; e, para começar a ler os clássicos, não é preciso ler o original, nos conduzindo a uma irresistível viagem pelo maravilhoso mundo dos clássicos.

No primeiro capítulo, Clássicos, Crianças e Jovens, Jorge Luís Borges disserta:

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético. O que são as palavras dormindo num livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é um livro se não abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez. (MACHADO, 2009, p. 7)

¹ **Estórias**, é um neologismo proposto por João Ribeiro (membro da Academia Brasileira de Letras) em 1919, para designar, no campo do folclore, a narrativa popular, o conto tradicional

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres da língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente, depois, no final da adolescência. E podem ser grandemente ajudados na escola por um bom professor que traga para sua classe trechos escolhidos de algumas de suas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão.

Não há mais dúvidas, se é que já houve, o quão é importante a leitura dos clássicos para essa escrita. Não somente para uma futura vida acadêmica, mas sim, para o desenvolvimento cognitivo e emocional que uma mãe quer para seu filho, neste caso, uma filha, uma criança que nasceu antes de sua formação gestacional ser completada.

E mais uma vez, Ana Maria Machado afirma a importância da literatura:

Assim, a minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca. (2009, p. 19)

Inicialmente, até o seu primeiro ano de idade, os livros foram escolhidos por mim, por indicação, leitura primária, mas foi só você começar a andar que já se debruçava sobre às prateleiras das livrarias, que passou a frequentar desde os seus oito meses de idade, para exercer sua autonomia.

Entre suas fraldas e suas mamadeiras, entre uma leitura feita para você e outra para mim, eu prosseguia na universidade

Algumas leituras foram feitas durante nossos banhos, digo nossos porque você fazia do banheiro um palco com aqueles livros de plástico; “Amiguinhos do zoo”, “A mamãe e os filhotes”, “Amiguinhos do mar”, dentre outros, que eram também ensaboados e já apresentavam algumas vozes de animais que repetidamente você soava para mostrar que aprendeu. Logo vieram os livros de pano, também com sons de animais, e o reconhecimento destes era visível a cada soar. Histórias começaram a serem lidas de trás para a frente, em páginas pares, e, às vezes, ficava centrada somente na capa. Você mostrava-se admirada e repetidamente interrogava com os olhos e o dedinho. E eu

respeitava esse seu direito como leitora. Muitas vezes exausta, mas animada por sua curiosidade.

E assim foi se constituindo a sua literatura, assim como o foi a comunicação verbal através do vínculo da díade mãe-bebê, eu e você, envoltas em um sentimento chamado amor. Mostrando a você o quanto foi desejada, o quanto é amada. E sempre será.

Alguns textos nós dramatizamos com acessórios como o gorro da Chapeuzinho Vermelho, o sapatinho da Cinderela, a trança da Rapunzel e todos tendo as cores e formatos explorados por você durante a leitura. Percebia que havia uma ótima recepção da sua parte, principalmente por causa dos adornos que utilizamos. Foi assim com quase todos os contos de Grimm que fazem parte da sua biblioteca.

Os novos caminhos que se abrem à imaginação da criança também podem ser percorridos nos livros que lhe são lidos ou aqueles que ela mesma “devora” – e o verbo é literal porque além de ler om as mãos e os ouvidos, a meninada lê com a boca e os dentes, como se provando o mundo. Graças à companhia dos adultos, as histórias vão se tornando mais complexas e os simples livros de banho ou os de capa dura que mostravam imagens similares ao do contexto infantil – a família, a hora de comer e de tomar banho ou os animais – dão lugar aos que exploram mundos da mente. Assim, a criança vai experimentando na literatura o que já experimentou nessa etapa de sua vida que a linguagem não só nomeia o que se vê como o que se sente e o que se deseja. (REYES, 2010, P. 51-52)

Tenho que lhe dizer que todas as leituras eram feitas no quarto que antes era só da mamãe e do papai, e que você tomou conta. Era feita em dois horários, na parte da manhã após sua primeira mamada e higienização, e a outra, antes do entardecer. Do nono mês em diante, algumas leituras realizaram-se em livrarias, em parques, nos passeios em família, essas no segundo horário. Algumas leituras externas não aconteciam sempre, ou até aconteciam, mas de forma não tão encantadora devido a outros interesses ao redor, percebendo-se a importância do silêncio para a hora da leitura.

Mais tarde, já com dez meses, os livros com texturas, sons e movimentos tendo personagens bebês e crianças ganharam mais atenção, e a leitura passou a ser com as mãos, durante os banhos de sol. As histórias eram contadas em forma de perguntas do tipo: “Cadê o pezinho do neném? E o seu pezinho?” E eu sempre mostrando cada resposta, sempre nomeando cada figura ou objeto para que você reconhecesse e já fosse entendendo a história. Logo já estava mostrando algumas partes do corpo ao mesmo

tempo que apontava a figura no livro. Sempre procurei tornar a leitura agradável e prazerosa, fazendo do livro um amigo íntimo e fiel, sempre presente para você.

Após um ano, os livros pop-up passaram a fazer parte da sua coleção, a cada virada de página as ilustrações saltavam aos seus olhos tornando a leitura ainda mais convidativa. Então a leitura passou a ser mais curiosa, seus olhos brilhavam querendo saber o que tinha nas próximas páginas, pois queria ver os próximos desenhos a se formar. Mas ao contrário de você, eu não tinha pressa e respeitava o seu direito, mesmo cansada e com tantas leituras acadêmicas por ler.

CAPÍTULO V

“PRESENTES DAS COISAS PRESENTES, PRESENTE DAS COISAS PASSADAS E PRESENTE DAS COISAS FUTURAS”

Houve um período em que me encontrei muito atarefada. Sua avó Luci era quem me auxiliava, mas, após uma queda, precisou de uma cirurgia e ficou mais de um ano em cima da cama, sem poder andar. Ficamos algumas semanas longe da literatura até que eu consegui organizar nosso tempo e espaço.

Dividimos o tempo em três partes: passado, presente e futuro. Mas, segundo Santo Agostinho, só conseguimos perceber o tempo no momento em que estamos vivendo-o.

No livro XI da obra “Santo Agostinho Confissões”, o autor faz uma reflexão filosófica acerca do tempo:

De fato, o que é o tempo? Quem poderia explicá-lo fácil e brevemente? Quem o compreenderá para expressá-lo em palavras, na fala ou no pensamento? E, no entanto, entre as coisas que nomeamos em nossas conversas, o que há de mais comum e conhecido do que o tempo? E certamente entendemos quando o nomeamos, e entendemos também quando ouvimos outros nomeá-lo. O que é o tempo, então? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas, se quiser explicar a alguém que me pergunte, não sei (...)” (2007, p. 322)

Conseguimos dividir o tempo em três partes distintas, mas não o sabemos medir. O presente não tem espaço, é o aqui, este momento, o futuro ainda está por vir, e o passado não existe mais. Só nos é possível perceber o momento presente, o agora, o que está decorrendo.

O pensamento de Agostinho de Hipona relaciona os três tempos como um só tempo, e, os classifica como um eterno presente, dando-lhe um novo modo e três novos tempos: presente das coisas presentes, presente das coisas passadas e presente das coisas futuras.

É possível compreender que para Santo Agostinho o tempo existe apenas para a alma, já que o passado já não existe, assim como o futuro que ainda virá. Ainda que descrevemos um passado que guardamos na memória, esse passado já não mais é.

E Santo Agostinho (2009) conclui seu pensamento a respeito do tempo dizendo que: “Muito embora, quando narramos coisas verdadeiras do passado, são extraídas da memória não as próprias coisas que passaram, mas palavras concebidas a partir das imagens que elas imprimiram na mente, como pegadas, pelos sentidos. ”

E o futuro, se é futuro ainda não está lá.

Uma música de Caetano Veloso, “Força Estranha”, composta em 1978 mostra a relação com o tempo, os sinais dos tempos. Embalado pelo tempo, o menino brinca sem realmente saber em que tempo está, em qual época está. Não se dando conta dos acontecimentos que o cercam.

Força Estranha

Eu vi um menino correndo

Eu vi o tempo brincando ao redor

Do caminho daquele menino

Eu pus os meus pés no riacho

E acho que nunca os tirei

O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei

Eu vi a mulher preparando outra pessoa

O tempo parou para eu olhar para aquela barriga

A vida é amiga da arte

É a parte que o sol me ensinou

O sol que atravessa essa estrada que nunca passou

Por isso uma força me leva a cantar

Por isso essa força estranha

Por isso é que eu canto, não posso parar

Por isso essa voz tamanha

Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista

O tempo não para e, no entanto, ele nunca envelhece

Aquele que conhece o jogo, do fogo das coisas que são

É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão

Eu vi muitos homens brigando, ouvi seus gritos

Estive no fundo de cada vontade encoberta

E a coisa mais certa de todas as coisas

Não vale um caminho sob o sol

E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol

Por isso uma força me leva a cantar

Por isso essa força estranha

Por isso é que eu canto, não posso parar

Por isso essa voz tamanha

Por isso uma força me leva a cantar

Por isso essa força estranha no ar

Por isso é que eu canto, não posso parar

Por isso essa voz tamanha

Já a nossa relação com o tempo se dá a partir de um passado que lhe foi dado o direito à literatura, que influencia o seu presente a cada momento, a cada escolha, e, que

sempre permitirá um futuro pensado, ou pelo menos o direito de pensar e escolher o depois.

Eu pensei muito antes de me tornar mãe. Pensei e me organizei para a tão esperada hora. Não sei se o que fiz foi o mais correto, mas tentei e hoje posso dizer que talvez o tempo passado deu a mim discernimento para conseguir pensar o momento presente do qual o futuro depende e que o agora é consequência de um passado que já foi e de um amanhã que virá. E me atrevo a dizer que aprendi que nós somos quem fazemos o nosso tempo, e que se depositarmos todo o amor que há em nós, o momento valerá mais que um instante, valerá o nosso outro tempo, o futuro.

Ainda sobre o tempo, gostaria de lhe apresentar uma expressão em latim *Carpe Diem* que significa “aproveite o dia”, para que aproveite cada momento de sua vida, cada momento de seu tempo presente, sem pensar no que o futuro reserva, pois dele depende o dia de hoje. E aproveitar o dia é estar com quem você ama fazendo o que você ama. Assim é o que significa *Carpe Diem*², “aproveitar o dia e confiar o mínimo possível no amanhã”, uma expressão que foi utilizada no filme Sociedade dos Poetas Mortos, inspirado em uma peça alemã do século XIX, intitulada *Frühlings Erwachen*³.

Outra frase famosa e também utilizada neste filme foi: “Qual será o seu verso?” Assim perguntou *Keating*, o professor, enquanto mostrava aos seus alunos uma nova visão a respeito da poesia e da literatura, tentando mudar algo já sistematizado por outros professores, buscando aumentar o conhecimento daqueles rapazes, sugerindo uma boa leitura, para que possam perceber como a linguagem vem se desenvolvendo com o passar do tempo.

² *Carpe Diem* é parte da frase latina *Carpe Diem quam minimum redul póstero*, que significa: “aproveita o dia e confia o mínimo possível no amanhã”, que foi extraída de uma das *Odes*, de Horácio (65 a.C. - 8 a. C.). Uma expressão que foi utilizada em uma obra chamada “Sociedade dos Poetas Mortos.

³ *Frühlings Erwachen*, peça escrita pelo dramaturgo alemão *Frank Wedekind*, que tem como tradução O despertar da primavera.

CAPÍTULO VI

“VOSSOS FILHOS NÃO SÃO VOSSOS FILHOS”

Às vezes não é possível dizer o que grita dentro de mim, o que me incomoda. Talvez por medo de ser mal interpretada, mas mãe adocece, mãe chora, sofre, se ausenta, mas sempre está feliz! Adocece por dedicar sua vida a uma outra, por perder a sua identidade e ser conhecida somente como a mãe. Porque seu corpo já não é como antes e que nada pode fazer no momento. Sofre por vergonha em mudar tanto em tão pouco tempo, por não dormir, por não ter mais uma vida de casal, uma vida social, por não comer uma comida quentinha ou ter um banho demorado. Por não ler um livro inteiro sem interrupções. Por chegar atrasada já que teve que trocar mais uma fralda e dá mais um banho. Chora quando vê o seu rebanho chorar. Mas a felicidade logo vem com o primeiro sorriso banguela. E logo as lágrimas descem, mais de felicidade, do que de dor quando sente seu primeiro dentinho morder seu peito. Elas são de alegria por ter e poder oferecer o melhor alimento, aquele que ficava empedrado quando sua cria estava emaranhada aos fios de aparelhos em uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Nesse período, somente a esperança e o amor tinham importância. Às vezes chora por se sentir e está sozinha. Os “amigos” não permaneceram, mas outros vieram; a mãe da amiguinha da filha ou aquela que sempre está no pediatra no mesmo dia. Por nem sempre haver tanta fartura de leite materno, e, por isso, o peito não ser mais o suficiente. Apesar disso o amor é tão grande, e a satisfação é imensa quando seus olhos viam em mim o mundo. Porém antes que esse sofrimento e esse cansaço me consumissem, meu coração se enchia de alegria quando você balbuciava e dizia a primeira palavra, a mágica, que resolve todos os problemas e que mudou a sua vida: Mãe!

Mas eu sofria por precisar me ausentar e nem sempre fazer parte disso, pois a mulher também precisa e tem o direito de estudar e trabalhar, direito esse conquistado por nós.

E logo você começou a engatinhar, andar e ter autonomia até para escolher o que vai vestir e calçar, os livros, o que e como vai ler. A tua mãe chora por não ser mais a mesma, graças a Deus, porque esse choro não existiria se você não fosse minha filha. E eu sei que minhas lágrimas derramadas existiram e sempre estarão presentes para lembrar que eu te amo de forma incondicional. E, mesmo com todas as mudanças e sofrimentos,

o amor está aqui presente, sempre esteve, e a felicidade sempre será tamanha e, que mal cabe no meu peito.

Às vezes me perguntam como posso ser tão feliz, mesmo com tantas privações, tantas mudanças, tantos sofrimentos. Entenda, somente você sabe o que está guardado em seu coração. Não permita a ninguém o direito de lhe retirar a felicidade! E então, mesmo sabendo que não é elegante responder devolvendo perguntas, me dou a liberdade de expor uma tristeza, e a essas pessoas perguntar: Você já perdeu um filho, dois? E logo após, toda a minha felicidade é entendida.

As palavras de Khalil Gibran me inspiram, mas ao mesmo tempo me desesperam. O que esperar, ou não esperar de um filho?

Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós.

E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;

Pois suas almas moram na mansão do amanhã,

Que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.

Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós,

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a sua força

Para que suas flechas se projetem, rápidas e para longe.

Que vosso encurvamento na mão do arqueiro seja vossa alegria:

Pois assim como ele ama a flecha que voa,

Ama também o arco que permanece estável.

Você é minha filha, sempre será um pedaço de mim, ainda que Gibran diga que você não me pertence.

CAPÍTULO VII

A LITERATURA NOS ENSINA A CAMINHAR

Com um ano e sete meses você me deu um susto muito grande. Uma picada de mosquito em uma das axilas tornou-se uma infecção assustadora que foi preciso uma cirurgia para retirar toda a secreção. Nessa segunda internação uma dor muito forte se apossou de mim, uma sensação de perda eu sentia, e, ao mesmo tempo, uma força vinda somente do céu, pois era tamanha, fez com que minha fé engolisse esse sentimento triste, me dando forças para enfrentar tudo aquilo, sem nenhuma lágrima, ao menos na sua frente. Tive muito apoio dos seus dindos, Karina e Wilson, que sempre estiveram conosco. Todos os dez dias em que você ficou internada. Foram os dez dias mais longos de minha vida, acho que talvez até mais longos do que os seus primeiros dias de vida. Eu jamais saí do seu lado, dez noites de vigília dentro daquele quarto gelado, você, eu, os fios e as máquinas. E, em uma noite dessas, olhei para você, fechei os olhos e senti a sua dor.

Deitada em teu pranto,
Sobre um emaranhado de fios
Ponho-me a pensar
Da tua dor ao suportar tamanho sofrimento.
O que haveria eu de ter feito para evitar?
Mas eu fiz! Será que fiz?
Nem sempre só com o amor se é feliz!
Pudera eu ter o poder de curar,
Pois sobre o teu corpo derramaria uma chuva de energia
E dos teus olhos cessaria toda a tristeza que ali está.
Essa tristeza que esconde a tua felicidade
E rouba o teu bem-estar.
Mas só o tempo para nos dá discernimento
E com ele aprender a caminhar.
Esse caminho foi duro,
Passamos por lugares escuros e que tivemos que habitar.
Ele nos mostrou que entre duas pessoas,
Você e eu
Só existe um eu,
O do amor, o da cumplicidade,

E que não foi feito para sofrer,
Mas que é forte para aguentar
Qualquer dor que a vida há de apresentar.
Meu consolo se dá no abrir do teu sorriso,
Leve, barulhento, mas espaçoso a cada troca de olhar.
Sobre o branco que te cuida
Percebe uma dor antecipada
Que te coloca frente a um dissabor
Que só o meu amor te fará suportar.
Esse rio que corre em tua face
Limpará tudo o que de ruim tu passaste a aguentar.
Essa onda de lágrimas que se formou
Te levará ao alto e avante,
Para uma nova vida, ainda mais feliz que antes,
Sem dor, o que para mim é gratificante.
E eu estarei aqui,
Para te conduzir e ser conduzida na estrada da vida,
Sempre sucessiva e radiante.

Foi uma tristeza muito grande ao saber que você iria fazer uma cirurgia. Tão pequena, tão frágil, mas quão guerreira você foi. Mesmo com todos aqueles fios pendurados em seu pescoço e em seu pé, você sorria e andava por todo o quarto do hospital, e eu atrás, segurando o suporte de soro e empurrando a máquina que te injetava a medicação. E você ainda conseguia me fazer sorrir.

Preciso lhe contar uma outra tristeza que também já habitou meu coração.

Em 2015, seu pai e eu completamos bodas de marfim, 14 anos de casados e ganhamos uma grande surpresa: mamãe engravidou de duas meninas. Mas a felicidade de aumentar a família durou muito pouco, pois elas não tiveram força para vir ficar conosco. Eu tentei de todas as maneiras, fiz repouso, tomei remédios, mas infelizmente Deus achou melhor que elas fossem ajudá-lo e as levou para junto Dele.

Foi muito difícil eu entender tal fato com tantos planos já idealizados, porém nem sempre as coisas acontecem como desejamos. Essa tristeza estendeu-se por alguns meses, e a resposta para o que aconteceu eu procurei nos livros, na tentativa de acalmar o meu coração e a minha mente, de um consolo e confesso que entendi que a morte faz parte da

vida, mas não compreendi por que mesmo que esta ainda não tenha se despertado para o mundo é retirada de cena.

Então conheci Jean Paul Sartre, e em seu livro “O ser e o nada”, sua filosofia me ajudou a perceber algumas coisas que acontecem e que estão muito além do nosso querer. O autor apresenta questões bem complexas, como a vida e a morte, perfeitas para entendermos sobre a nossa existência. Que a morte é um acontecimento que tem que existir na vida do humano e, para existir, este precisa estar vivo, pois a morte é o último acontecimento em vida, mesmo que essa vida tenha sido percebida apenas no ventre.

Todavia, a vida tem um começo, um meio e um fim. Sempre a aguardamos num fim distante, mas como há esse movimento, tudo então se torna incerto e com possibilidades, sendo assim nada eu poderia ter feito para mudar essa realidade, e que a mim não restava mais, além do que aceitar a morte como um processo último, mesmo tendo durado tão pouco.

Sobre a morte, escreve SARTRE:

A morte como fim da vida interioriza-se e humaniza-se; o homem já nada mais pode encontrar senão o humano; já não há mais outro lado da vida, e a morte é um fenômeno humano, fenômeno último da vida, mas ainda vida. (...) a morte nada mais revela senão acerca de nós mesmos, e isso de um ponto de vista humano. (2015, p. 652-653)

O medo da morte sempre ocupou um lugar nem tão especial, mas presente na mente de qualquer ser humano. Em algumas religiões a morte é uma passagem para um outro mundo, o fim da vida carnal. Existe também aquelas que acreditam na reencarnação e que a alma da pessoa que já se foi volta à vida em um outro corpo, em uma outra criatura. Mas eu prefiro acreditar que todas essas pessoas estão lá em cima, como anjos ajudantes de Deus.

Quando seu primo Bernardo, meu outro amor, tinha cinco anos, ele perdeu a mãe, sua tia, após ela ter lutado dois anos contra uma doença maligna. Sua partida pegou a todos de surpresa, que apesar do diagnóstico, tínhamos certeza de sua cura. Mas aquele tal fluxo da vida resolveu se fechar e nos surpreender.

Mais uma vez a morte tomou conta dos meus pensamentos, dessa talvez, de uma maneira ainda mais dolorosa, onde uma criança vai sofrer com a perda da mãe, e ela só tem cinco anos de idade. Digo que vai porque acredito que essa dor ele sempre levará consigo. E eu era a pessoa mais próxima, precisei preparar o coração dele para receber a triste notícia de que não mais iria ver a sua mãe, mas como? Tive a necessidade de uma semana para formar frases, respostas as quais eu imaginei que precisaria para contemplar suas indagações.

E, novamente os livros me ajudaram.

Desta vez, “O coração e a garrafa”, de Oliver Jeffers, foi a obra que me auxiliou. Nesta me deparei com a perda de alguém querido, de um protetor. Percebe-se que um coração antes feliz pertencente a uma menina fascinada pelo mundo foi arrancado pela raiz e colocado dentro de uma garrafa a fim de não sentir dor, mas que essa medida não traria seu ente de volta, e com o seu coração fora do peito não sentiria mais amor, alegria, então resolve devolver a si a felicidade, e o coloca de volta no peito.

E com essa história criei coragem e fui fazer o que deveria ser feito. Foi difícil, muito, mas juntos, eu e Bernardo conhecemos essa história que nos acariciou e nos fez entender que Deus precisa de pessoas boas para ajudá-lo. Essa obra explora os temas difíceis do amor e da perda, envolvendo-nos de forma comovente e dando-nos sabedoria para lidar com esse sentimento difícil.

Obras assim, como “O coração e a garrafa”, estão presentes em minoria na sua coleção. Na verdade, adquiri apenas pelo momento triste em que seu primo se encontrava, mas sempre percebi a importância do tema.

CAPÍTULO VIII

“TODAS AS PESSOAS GRANDES FORAM UM DIA CRIANÇAS, MAS POUCAS SE LEMBRAM DISSO.”

Sua biblioteca ganhou mais um volume quando você completou um ano de idade. Você começou a ser presenteada com livros ao invés de somente brinquedos, visto que parentes e amigos observavam o seu interesse para com a leitura.

Até os seus dois anos nós já tínhamos apreciado mais de quarenta livros, um com 365 histórias, e alguns outros em biblioteca e livrarias. Vou nomeá-los para que relembre, releia.

Devo dizer do quanto orgulhosa estou em ter conseguido proporcionar a você a literatura já no início de sua vida, e assim, colaborado para que você tivesse o direito de entrar no mundo da literatura, um direito que para muitas crianças é apenas uma teoria, mais um regulamento que não é cumprido. E, mais uma vez tenho que me lembrar de Ana Maria Machado, quando ela assegura que o “direito e a resistência são duas boas razões para a gente chegar perto dos clássicos. Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá.”

Sinta-se privilegiada por isso.

Tentei ofertar a ti, um pouco de ciência, arte e vida através da literatura, de modo a construir o teu gosto pelas artes do bem viver, ao longo de estudos, que foi formado por leituras e compostos de sentimentos nessa nossa caminhada.

A todos os grandes que passaram por aqui e deixaram a sua contribuição, à minha gratidão e uma lembrança do Pequeno Príncipe: “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças, mas poucas se lembram disso.”

Para tanto, abaixo, lembro-te de nossas cantorias através da canção “O caderno”, de mais um ilustre compositor, Toquinho. Tenho certeza de que não será preciso ler, pois é uma canção que sempre dedico a você. Basta fechar os olhos e será capaz de lembrar, de sentir, de ouvir a minha voz, a nossa voz.

O Caderno

Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco até o be-a-bá.
Em todos os desenhos coloridos vou estar:
A casa, a montanha, duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel.
Sou eu que vou ser seu colega,
Seus problemas ajudar a resolver.
Te acompanhar nas provas bimestrais, você vai ver.
Serei de você confidente fiel,
Se seu pranto molhar meu papel.
Sou eu que vou ser seu amigo,
Vou lhe dar abrigo, se você quiser.
Quando surgirem seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel.
O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado, se lhe dá prazer.
A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer.
Só peço a você um favor, se puder:
Não me esqueça num canto qualquer.

Esse pedido de favor é mais do que um pedido de mãe, é um pedido de uma leitora, ledora, contadora e apreciadora de boas histórias, descobridora de novas aventuras através dos livros e de você. Uma pessoa apaixonada pela literatura, e que nesse momento, só tende a lhe fazer uma pergunta:

“Qual será o seu verso?”

Aproveite às páginas em branco que foram deixadas para que você registre outras histórias.

Carpe Diem!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi escrito no gênero diário, sem datas, com passagens de acontecimentos que transportam o leitor no momento em que o fato ocorreu e com a presunção de ser entregue a uma menina moça. Nesse formato, consegui expressar meus sentimentos e abordar um pouco do que vimos e vivemos ao longo desse tempo, ou no tempo de Santo Agostinho.

De forma lúdica e convidativa, tentei trazer tudo e todos que sempre nos cercaram, em todos e quaisquer sentidos, seja na díade mãe-filha, seja na vida comum, seja através dos livros.

Neste diário está a imersão de uma bebê ao mundo da linguagem, seus mergulhos em obras que, com certeza contribuíram para seus pensamentos, quiçá a sua vida. Uma criança que ganhou o direito à literatura antes de seu nascimento e que no presente se faz uma leitora crítica, sobretudo através da escuta da leitura.

Está também a trajetória de uma estudante, pesquisadora, mãe-pesquisadora que precisou trocar as chaves que havia escolhido durante um determinado tempo, para abrir as novas portas que a vida lhe ofereceu. E uma dessas chaves abriu o maior tesouro que alguém pode ganhar na vida: um filho. Nesse caso, uma filha, Agatha. Minha maior riqueza.

Assim foi essa nossa escrita, nossa formação durante esse investimento cultural, por meio da nossa relação, que é fundamentalmente humana, que fixam os vínculos entre dois seres. Foi uma construção de laços, uma construção da própria formação.

Mas o que eu desejei com esse trabalho?

A você, caro leitor, a apresentação de um novo no mundo.

E a esse novo, essa jovem leitora, todo esse mundo que já conhecemos, e que, através da sua juventude estamos tentando criar novas chaves com a literatura.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. A Condição Humana. 13ed. Ver. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Obras Completas. 4 ed. São Paulo: Editora Edipro, 2014.

AUERBACH, P. Direitos do pequeno leitor. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. Problemas da poética de Dostoievski. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 08 de Março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância.

CÂNDIDO. A. Vários escritos. 4. ed. Duas Cidades. Ouro sobre Azul. São Paulo. Rio de Janeiro, 2004

CÂNDIDO. A. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

COMENIUS, J. A. A escola da infância. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. 49. ed. Rio de Janeiro, 2014

FREIRE, P. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 57 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b

FREIRE, P. Pedagogia dos Sonhos Possíveis. São Paulo: Ed UNESP, 2001.

GERALDI, J. W. Ancoragens: estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015

GOETHE, J. W. v. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

MACHADO, A. M. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. 1 ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

MACHADO DE ASSIS, J. M. Ideias do canário. In: 50 contos de Machado de Assis; seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 440-444.

MELLO, M. B. O Amor em tempos de escola. São Carlos: Pedro & João, 2017.

NUNES, B. O tempo na narrativa. São Paulo: Edições Loyola, 2013

PALANGANA, I. C. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância do social. Editora: Summus Editorial; Edição revista, 2015

PARREIRAS, N. O brinquedo na literatura infantil. Editora Biruta 1 ed. 2008

PATTE, G. Deixem que leiam. Rio de Janeiro: Rocco, 2012

REYES, Y. A Casa Imaginária: Leitura e literatura na primeira infância. 1. ed. São Paulo: Global, 2010

REYES, Y. Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

RILKE, R. M. Catas a um jovem poeta. 4 ed. São Paulo: Globo, 2013

ROUSSEAU, J. J. Emílio, ou, Da educação. Col. Paideia - 4 ed. Martins Fontes, 2014

SARTRE, J. P. O ser e o nada. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

SARTRE, J. P. As Palavras. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018

TODOROV, T. A Literatura em Perigo. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel,
2009

WINNICOTT, D. W. Os bebês e suas mães. 4 ed. Martins Fontes, 2013

WINNICOTT, D. W . A criança e o seu mundo. 6 ed. LTC, 1978

REFERÊNCIAS INFANTIS

- ANAND, S. Pop-up animais marinhos. Editora Bom Bom Books
- AUERBACH, P.; MORAES, O. Direitos do Pequeno Leitor. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017
- BELLI, R. Primeiro livro do bebê. Coleção Amiguinhos: Um livro de banho – Amiguinhos da Fazenda. Todolivro Ltda.
- BELLI, R. Primeiro livro do bebê. Coleção Amiguinhos: Um livro de banho – Amiguinhos do Zoo. Todolivro Ltda.
- BELLI, R. Primeiro livro do bebê. Coleção Amiguinhos: Um livro de banho – Mamães e Filhotes. Todolivro Ltda.
- BULATSKI, S. Coleção Bichos Amigos; Bem-Vindos à Fazenda. Todolivro. AZ Books, LLC, 2014
- CHOUX, N. Meu livro das roupas. 1ª ed.- Cidade Autónoma de Buenos Aires: Catapulta, 2017
- CHOUX, N. Meu livro do corpo. 1ª ed. 1ª reimp.- Cidade Autónoma de Buenos Aires: Catapulta, 2018
- FELIX, M. O ratinho que morava no livro. Ed. Melhoramentos.
- GRIMM, J. Essencial Clássicos Infantil. A Princesa e o Sapo ou Henrique de Ferro e mais de 13 contos dos irmãos Grimm. Vol. 1. São Paulo: Humter Books, 2016
- GRIMM, J. Essencial Clássicos Infantil. Chapeuzinho Vermelho e mais de 13 contos dos irmãos Grimm. Vol. 2. São Paulo: Humter Books, 2016
- GRIMM, J. Essencial Clássicos Infantil. O Burrinho e mais de 14 contos dos irmãos Grimm. Vol. 3. São Paulo: Humter Books, 2016
- HARWOOD, B. quic, quic! NBL Editora S.A., 2013
- KELLY, M. Cadê o meu penico? 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012
- PARR, T. O Livro dos Sentimentos. Editora Panda Books
- RANDO, S. Gildo. 1. ed. São Paulo: Brinque-Book, 2010
- SIMINOVICH, L. Você é meu bebê! – Filhotes da savana. São Paulo: Piblifolhinha, 2014
- YARLETT, E. Mordisco: o monstro dos livros. 1.ed. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2018.
- Contos de fadas com janelas divertidas: A Bela e a Fera. 2016
- Contos de Fada Pop-Up – Cinderela. Edições Usborne, 2017
- Coleção Olhinhos Espertos! Os Sons da Floresta. Um livro pop-up. Todolivro, 2012
- Hora de Comer. Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda, 2017

Este é o meu Focinho. Coleção Levante a Aba. Todolivro Ltda, 2014

Minha Primeira Biblioteca de Contos de Andersen: A Pequena Sereia. Todolivro Ltda

Minha Primeira Biblioteca de Contos de Andersen: A Pequena Vendedora de Fósforos.
Todolivro Ltda

Minha Primeira Biblioteca de Contos de Andersen: O Patinho Feio. Todolivro Ltda

Minha Primeira Biblioteca de Contos de Andersen: O Soldadinho de Chumbo. Todolivro
Ltda

Minha Primeira Biblioteca de Contos de Andersen: Os Cisnes Selvagens. Todolivro Ltda